

Avaliação da seleção lexical em redações vestibulares: análise de orientações pedagógicas

Maria Aline Rodrigues Bezerra*

Herbertt Neves**

Resumo

Para a avaliação de um texto escolar, é preciso que se postule um conjunto de critérios valorativos que estão associados aos elementos que constituem (ou garantem) a textualidade. No Brasil, a avaliação analítica (Fossey, 2018) que envolve esses critérios é empregada por boa parte dos grandes vestibulares, como o Enem e o vestibular da UnB. Tendo em vista assumirmos que a seleção lexical desempenha um fator primordial no processo de escrita da redação e na concretude do pensamento crítico do vestibulando, neste trabalho buscamos analisar as orientações propostas para a avaliação da seleção lexical em provas de redação de vestibulares. Desse modo, procuramos seguir uma linha teórica que compreendesse a prática de avaliação da produção escrita (Serafini, 1998; Suassuna, 2007) e a assimilação da seleção lexical como mecanismo textual e critério avaliativo (Antunes, 2012; Neves, 2022). Para tanto, nosso *corpus* concentrou-se nas orientações presentes no Módulo 03 do Curso de Capacitação para Avaliadores do Enem e no Guia de Avaliadores da UnB. Ao realizarmos nossa análise, observamos, primeiramente, quais as categorias a que pertenciam os critérios referentes à análise da seleção lexical. Com isso, verificamos qual era o direcionamento que as orientações apontavam sobre a avaliação desses critérios no texto. De modo geral, as orientações analisadas demonstraram a tendência dos materiais formativos de explicitar os critérios

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestra em Linguagem e Ensino. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9850-261X>.

** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Língua Portuguesa da UFPE, nos cursos de Graduação em Letras. Professor permanente dos cursos de Pós-Graduação em Letras (UFPE) e Linguagem e Ensino (UFCG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>.

que pertenciam ao âmbito lexical de maneira voltada para análise gramatical e ortográfica das palavras, deixando de lado dimensões importantes da palavra lexical, como seu papel funcional no texto e na interação.

Palavras-chave: seleção lexical; redação vestibular; avaliação da produção escrita; materiais formativos; exames vestibulares.

Evaluation of lexical selection in university entrance essays: analysis of pedagogical guidelines

Abstract

For the evaluation of a school text, it is necessary to postulate a set of evaluative criteria that are associated with elements that specify (or guarantee) textuality. In Brazil, the analytical evaluation (Fossey, 2018) that involves these criteria is used by most of the major entrance exams, such as the Enem and the UnB entrance exam. Bearing in mind that we assume that lexical selection plays a key factor in the writing process of the essay and in the concreteness of the student's critical thinking, in this work we seek to analyze the guidelines proposed for the evaluation of lexical selection in writing tests for university entrance exams. Thus, we seek to follow a theoretical line that includes the practice of evaluating written production (Serafini, 1998; Suassuna, 2007) and the assimilation of lexical selection as a textual mechanism and evaluation criterion (Antunes, 2012; Neves, 2022). Therefore, our corpus focused on the guidelines present in Module 03 of the Training Course for Enem Evaluators and in the UnB Evaluators Guide. When carrying out our analysis, we observed, first, which categories belonged to the criteria referring to the analysis of the lexical selection. With this, we verified which was the direction that the guidelines pointed out on the evaluation of these criteria in the text. In general, the guidelines that were analyzed showed the tendency of the training materials to explain the criteria that belonged to the lexical scope in a way focused on the grammatical and spelling analysis of the words, leaving aside important dimensions of the lexical word, such as its functional role in the text and in interaction.

Keywords: lexical selection; entrance exam essay; assessment of written production; formative materials; entrance exams.

Recebido em: 26/08/2023 / Aceito em: 08/08/2025

Introdução

O léxico pode ser considerado o conjunto de palavras disponíveis na língua de que o falante faz uso para posicionar-se sobre o mundo e sobre si (Antunes, 2012). Esse componente da língua, amplo e inesgotável, permite as manifestações linguísticas da experiência de cada falante. Sob esse viés, destacamos como o conhecimento sobre o léxico de uma língua é imprescindível para seus usuários, uma vez que precisam utilizar-se de palavras em todos os espaços do cotidiano, em situações de interação diversas.

Assim, é elemento indispensável, no ensino de língua portuguesa, o trabalho sistemático com a competência lexical (Travaglia, 2021), da qual faz parte a seleção lexical. Além disso, a importância desse fenômeno na textualidade justifica a necessidade de os exames vestibulares abordarem, em suas matrizes de referência para a avaliação da redação, a seleção lexical como um critério de avaliação dos textos.

Compreender os itens lexicais da frase-tema da redação, por exemplo, é fundamental para que o estudante saiba o que irá escrever. Ao produzir o texto escrito, é necessário que o participante faça as escolhas adequadas dos itens lexicais que irão compor o seu texto para alcançar o objetivo almejado pela banca avaliadora: mostrar o seu posicionamento com relação à temática, influenciar o leitor pelas suas palavras e solucionar os possíveis problemas citados nos textos de apoio ou no comando da proposta. Desse modo, a banca avaliadora, ao analisar as redações dos participantes, verifica se esses objetivos foram atingidos segundo uma grade padronizada por critérios de avaliação do texto que contemplam várias competências

e habilidades. Uma delas deve (ou deveria) dizer respeito à competência lexical.

Segundo nos indicam Mendonça e Neves (2019), para a avaliação de um texto, é preciso que se postulem determinados critérios materializados em grades que indicam tudo o que será verificado e a pontuação atribuída a cada critério. Esse conjunto de critérios valorativos associados aos elementos presentes no texto e que constituem (ou garantem) a textualidade faz parte de uma avaliação analítica do texto (Fossey, 2018). No Brasil, a avaliação analítica é empregada por boa parte dos grandes vestibulares e pelo Enem, que eventualmente tornam públicos os critérios utilizados nas grades de avaliação e as orientações que são estabelecidas para avaliação textual.

No contexto avaliativo dos processos seletivos, em especial os vestibulares, encontramos a necessidade do estabelecimento de critérios para a análise textual da prova de redação, principalmente porque o desempenho dos participantes é avaliado por um grupo heterogêneo de profissionais – e não por um avaliador único, como ocorre em sala de aula (Goldstein; Bartho, 2019). Logo, as orientações são elaboradas com o objetivo de auxiliar o avaliador a utilizar a grade e ajudá-lo a compreender a especificidade de cada critério avaliativo, possibilitando, ao máximo, a homogeneidade no olhar de todos, de modo que desempenhos semelhantes recebam pontuações semelhantes.

Tendo em vista que a seleção lexical desempenha um fator primordial no processo de escrita da redação e na concretude do pensamento crítico do vestibulando, este trabalho tem como objetivo investigar como os critérios linguísticos-textuais e ortográficos de avaliação do texto, materializados nas grades de

avaliação, e as orientações para o uso da grade – por parte dos avaliadores – contemplam o léxico, especificamente, a seleção lexical no texto escrito do participante.

Partindo do pressuposto de que, nas avaliações de redações dos vestibulares, os elementos mais considerados são a adequação ao tema e ao gênero, a capacidade de argumentação, a coesão e coerência estabelecidas no texto, sempre com preocupação maior no modo como as ideias estão sendo estruturadas e como os conectivos estão sendo usados, surge a necessidade de pensarmos de modo aprofundado acerca de como a perspectiva lexical tem sido considerada nessas avaliações e impacta nos critérios mencionados. Em outras palavras, como tem sido observada a escolha vocabular do aluno ao empregar a língua escrita nesse contexto.

Para tal, organizamos o presente artigo em seis partes. Nesta primeira, apresentamos a contextualização, objetivo e justificativa da pesquisa. Na segunda, expomos os aspectos metodológicos da realização da pesquisa. Na terceira e na quarta, contemplamos as teorias que nos auxiliaram a compreender sobre a prática de avaliação da produção escrita (Serafini, 1998; Suassuna, 2007) e a assimilação da seleção lexical como mecanismo textual e critério avaliativo (Antunes, 2012; Neves, 2022; 2024). Na quinta, refletimos sobre como as orientações encontradas indicam uma perspectiva de análise lexical. Por fim, na sexta e última parte, apresentamos nossas considerações finais acerca das apreciações por nós realizadas a partir dos dados analisados.

Procedimentos metodológicos de análise

Para realização desta pesquisa, inicialmente, além de delimitarmos a temática central, selecionamos os dois processos seletivos que serviriam para nossa análise: Vestibular Tradicional da UnB e Enem. Essa escolha se deu tanto pela presente notoriedade de ambos os processos quanto pela divulgação de materiais que trazem as orientações e os critérios que eles utilizam na avaliação das redações dos participantes. Entre os vários critérios apresentados nas grades de avaliação, focalizamos nossa análise nas orientações que dizem respeito à dimensão da seleção lexical, na qual se desenvolvem critérios correspondentes à propriedade e/ou escolha vocabular.

Desse modo, identificamos, na seção “D”, intitulada “Critérios de avaliação dos aspectos microestruturais”, do Guia da Prova de Redação da UnB, sete ocorrências de orientações que visam à análise da seleção lexical. Tabulamos, assim, nossa primeira parte dos dados com códigos de UnB-01 a UnB-07. Da mesma maneira, no material do vestibular Enem, na seção três, nomeada de “Os desvios”, do “Módulo 3 – Competência I (Enem Redações)”, encontramos seis ocorrências de orientações que também estão relacionadas à análise da seleção lexical. Atribuímos, então, os códigos Enem-01 a Enem-06 para nos referirmos a nossa segunda parte dos dados.

Após a catalogação do *corpus*, analisamos as treze ocorrências a partir de três categorias teóricas, a saber: aspectos contextuais, aspectos linguístico-textuais e aspectos gráficos. Tais categorias foram formuladas a partir da realização de uma pré-análise dos dados coletados. Para este artigo, vamos abordar apenas os aspectos linguístico-textuais e ortográficos.

De maneira geral, os aspectos linguístico-textuais se referem à materialidade e à construção do texto, isto é, aos elementos linguísticos da superfície de um texto que constituem e influenciam no ato interlocutivo. O emprego desses elementos na composição textual implica em critérios que evidenciam fenômenos morfossintáticos, estilísticos, neológicos, etc. Já os aspectos gráficos se referem ao domínio da escrita convencional das palavras, ou seja, a adequação da grafia das palavras no texto. A análise dessa adequação relaciona a estrutura e o sentido que determinada palavra tem contextualmente.

No que se refere à caracterização de nossa pesquisa, ela é de natureza documental e de abordagem qualitativa, utilizando-se de método dedutivo e com finalidade interpretativo-descritiva, conforme classificações propostas por Mascarenhas (2012) e Paiva (2019). Caracteriza-se, ainda, como uma pesquisa da Linguística Aplicada (Paiva, 2019), ancorada nas contribuições da Lexicologia e da Linguística Textual.

A avaliação do texto escrito

A prática de escrita em contexto escolar, devido à transposição didática, é um processo constituído por diversas etapas, sendo a avaliação uma das mais importantes. Partimos do pressuposto de que, no âmbito escolar, a avaliação do texto escrito é um processo que tem a correção como etapa imprescindível (Serafini, 1998). Todavia, essa lógica não é seguida na avaliação da redação dos exames vestibulares, tendo em vista o tratamento unicamente analítico que os processos seletivos dão aos textos dos participantes.

De acordo com Serafini (1998), a correção e a avaliação

textual são procedimentos que caminham lado a lado e, por isso, às vezes, são confundidos, não deixando de ser dois procedimentos diferentes. Ao discorrer sobre essas distinções, a autora explica:

A correção é o conjunto das intervenções do professor sobre o texto do aluno para ajudá-lo a melhorar. A avaliação, por sua vez, consiste em dar ao texto uma nota e um julgamento final em relação aos demais textos, aos desempenhos médios dos colegas, e aos resultados anteriores obtidos pelo próprio aluno (Serafini, 1998, p. 13).

Nessa linha de raciocínio, constatamos que essa prática não é aplicada pela banca avaliadora dos exames vestibulares, já que não há oportunidade de reescrita, e a finalidade não é de ajudar a melhorar o desenvolvimento textual do participante, mas, sim, de qualificar e quantificar esse desenvolvimento para a possível aprovação ou reprovação dele. Para isso, interferindo ou não no texto, o avaliador traz imbuídas concepções que podem justificar as decisões e as perspectivas priorizadas no ensino e na avaliação textual.

Nesse sentido, Suassuna (2007) destaca a existência de dois grandes paradigmas de avaliação: o tradicional e o formativo. De maneira geral, a avaliação tradicional enfatiza o certo ou o errado, não valorizando o processo de construção do conhecimento, mas o produto cujos resultados se traduzem em notas. Por essa razão, os vestibulares adotam essa prática, na medida em que elegem os participantes a partir dos acertos ou erros verificados na prova de redação, o que se justifica, inicialmente, pela necessidade de objetividade que é permitida por esse tipo de avaliação. De outro modo, a avaliação formativa se fundamenta na ideia de um processo avaliativo contínuo, processual e diagnóstico, que

“serve para pensar e planejar a prática didática” (Sacristán, 1998, p. 297), considerando como, o que, para que e para quem está o que se pretende ensinar. Portanto, a avaliação textual não é realizada de maneira simplista, com foco exclusivamente técnico ou formal – como no caso dos processos seletivos –, pois o que importa é a observação do desenvolvimento da competência de escrita do aluno.

Ante essas considerações, nos vestibulares, a avaliação tradicional se faz pertinente ao contexto de classificação que lhe é característico, uma vez que a competência de escrita do estudante é considerada como objeto de aprovação/reprovação e não de ampliação.

Seleção lexical: mecanismo e critério textual

Consideramos que a escolha e o uso que se faz do léxico resultam do conhecimento tanto advindo das experiências do cotidiano quanto adquirido na própria sala de aula – independentemente do nível em que se dê a escolarização. Dessa forma, chama atenção o modo como usamos os mecanismos linguísticos, textuais e discursivos na estruturação da “unidade” do texto escrito, pois, como Cardoso (2015) reconhece,

[...] a escolha lexical usada na elaboração de um texto diz muito sobre as intenções comunicativas de quem o produziu e de seu papel na sociedade. As palavras selecionadas podem revelar valores ideológicos, retratar o conjunto da experiência humana acumulada, assim como práticas sociais e culturais, já que é no léxico que se veem representadas, de forma mais objetiva, as visões de mundo dos sujeitos participantes da prática discursiva (Cardoso, 2015, p. 124).

Redigir um texto escolar representa muito mais do que simplesmente escrever palavras no papel. Essa ação pressupõe escolha lexical, conhecimento enciclopédico, conhecimento linguístico, além de manifestar os posicionamentos ideológicos do aluno/escritor (Travaglia, 2009; Antunes, 2010). Assim, destacamos como a seleção lexical é uma importante estratégia de convencimento e de argumentação, na medida em que se mostra como parte fundamental no processo de entendimento de que, por detrás de todo texto, há intenções, informações, ideologias.

Sob este ângulo, Biderman (2001) destaca que

[...] o léxico configura-se como um dos elementos essenciais para que se possa ‘ler’ fatos de história e cultura de determinada comunidade, pois é pelo uso da palavra que se revelam traços de cultura, identidade e visões de mundo, envolvendo ‘todo o universo da significação, o que inclui toda a nomenclatura e interpretação da realidade’ (Biderman, 2001, p. 98).

Nesse sentido, o léxico atua como catalisador de perspectivas e posicionamentos, situando a linguagem nos eventos cotidianos e conferindo-lhe função social significativa. Dessa forma, a escrita envolve escolhas lexicais estratégicas, nas quais o produtor do texto seleciona palavras em função do contexto e dos efeitos de sentido pretendidos, uma vez que é através delas que os interactantes da linguagem expressam suas convicções, valores, crenças e emoções (Alves, 1990; Biderman, 1998; Turazza, 1996). Por conseguinte, esse processo de seleção de palavras é central para a construção da textualidade, pois organiza os sentidos, orienta os efeitos discursivos e estabelece relações sociocomunicativas.

As propostas de redação dos vestibulares, por exemplo, mostram como é essencial que o participante faça a seleção lexical ou escolha vocabular apropriada para a construção do significado textual, uma vez que ela pode servir como excelente estratégia de persuasão (Bezerra; Neves, 2022). A escolha cuidadosa de palavras revela as intenções do autor, além de fornecer informações importantes sobre os elementos participantes do ato comunicativo (Neves, 2022).

Na arquitetura textual, o autor providencia a relação entre as escolhas lexicais estabelecidas, elabora estrategicamente a construção argumentativa, coordena o arranjo selecionado, relacionado em uma sequência devidamente estruturada, a fim de defender seu ponto de vista e convencer o leitor. Tal dinamicidade na articulação dos argumentos corrobora a construção de um texto que tem coesão e coerência, mecanismos fundamentais na organização das ideias, na clareza e objetividade da argumentação. Por isso, os itens lexicais assumem um papel central no estabelecimento da continuidade semântica, criando e sinalizando a coesão e a coerência do texto, entre outros recursos da textualidade (Neves, 2022).

Pode-se afirmar, então, que “a seleção lexical constitui um nível central ligado à atividade de produção de sentido” (Marcuschi, 2003, p. 7), além de ser um elemento fundamental no estabelecimento da textualidade e revelar-se como uma grande estratégia de persuasão e argumentação.

À luz desses apontamentos, verificamos que a avaliação da seleção de palavras de um texto abrange aspectos que visam à precisão conceitual do que é dito, ao valor que as palavras escolhidas têm socialmente, além do efeito retórico e sonoro que as palavras provocam na construção de sentidos. Portanto,

considerar a seleção lexical como um critério avaliativo é mostrar-se atento à habilidade/competência lexical do aluno/ vestibulando, analisando a capacidade que ele tem de não apenas conhecer os significados das palavras, mas, sobretudo, de discernir os efeitos de sentido que suas escolhas proporcionam no desenvolvimento textual.

Análise dos aspectos linguístico-textuais referentes à avaliação da seleção lexical

Entendemos por aspectos linguístico-textuais as orientações que relacionam o item lexical a algum fenômeno de materialidade linguística que influencia na construção de sentido do texto. Segundo Antunes (2012), o nível lexical abrange o estudo de variados fenômenos linguísticos, os quais contribuem para o desenvolvimento das competências do aluno. Desse modo, estudar a dinamicidade do léxico nos permite observar processos de derivação, neologismos, empréstimos, polissemia etc. Com vistas nesses fenômenos, conseguimos encontrar nas orientações cinco ocorrências em que a seleção lexical se relaciona a algum aspecto no processo estilístico, neológico, morfossintático e de repetição de palavras no texto.

Começando pelo critério ‘estilo’, compreendemos que um texto com estilo é aquele que atende às condições impostas pelo gênero, visando à interação por meio da linguagem (Possenti, 2001). A ocorrência a seguir mostra como esse critério é avaliado na redação:

o uso de figura de linguagem que comprometa a clareza do texto, provoque ambiguidade ou gere incoerência. [UnB – 03]

O avaliador é orientado a verificar se o texto apresenta objetividade no conteúdo; qualquer traço de subjetividade, nesse caso, decorrente do emprego de figuras de linguagem, deve ser penalizado. Assim, é possível observar uma associação entre o uso figurativo da linguagem e a noção de desvio, o que remete à ideia de que recorrer a tais recursos não corresponde ao ideal esperado em um contexto linguístico mais monitorado. Além disso, ressalta-se que o emprego de figuras de linguagem pode comprometer a clareza do texto.

As figuras de linguagem são recursos estilísticos que podem ser usados para tornar o texto mais expressivo, mais harmonioso, mais persuasivo, entre outras características que podem ser impressas nele, conforme a intenção do autor. A orientação sugere uma ideia equivocada e já bastante disseminada sobre o uso de figuras de linguagem ser apropriado apenas para textos literários narrativos e poéticos, não se adequando ao texto dissertativo, por exemplo, equívoco já sinalizado por Antunes (2012).

No texto dissertativo, como já mencionamos, o senso comum presume uma linguagem impessoal e objetiva, prevalecendo o sentido denotativo das palavras e, de preferência, a ordem direta dos termos das orações. No que diz respeito às funções da linguagem, o texto apresentará, essencialmente, a função referencial, aquela cujo foco é o assunto, ou melhor, a problemática que está sendo tratada. Por isso, o critério de estilo da redação do vestibular preza principalmente pela clareza, simplicidade e coerência textual. A clareza na redação é obtida quando as ideias são apresentadas sem ambiguidade, o que garante a univocidade, isto é, um elemento linguístico só pode ser interpretado de uma única forma. Essas ideias equivocadas são

reproduzidas nas orientações em análise. Dessa maneira, deixa-se de lado a compreensão de que a clareza está relacionada com o domínio de conhecimento que se tem de determinado assunto, e o modo como as palavras compõem o texto revela isso.

Notamos que a orientação não generaliza como inadequado o uso de figuras de linguagem, apenas as que afetam o sentido do texto, como por exemplo os casos em que elas geram ambiguidade. A ambiguidade surge quando algo que está sendo dito admite mais de um sentido, comprometendo a compreensão do conteúdo. Isso pode suscitar dúvidas no leitor e levá-lo a conclusões equivocadas na interpretação do texto. Por isso, a ambiguidade na redação é vista como um desvio das normas do padrão estabelecido para a língua portuguesa. Não se observa a perspectiva do leitor na interpretação da ambiguidade, que passa a ser vista sempre como um defeito da língua. Essa visão se afasta de uma compreensão interacional de língua, o que mostra indícios de uma perspectiva ainda descontextualizada na avaliação da seleção lexical no vestibular da UnB.

Partindo da perspectiva do avaliador, a orientação é insuficiente sobre a explicação de quais figuras de linguagem podem causar esse problema. Não se exemplifica que, ao usar um recurso como o paradoxo, que remete a elementos e ideias contraditórias, o participante corre o risco de comprometer a interpretação do leitor sobre o seu ponto de vista, se distanciando da característica objetividade exigida na redação.

A clareza textual é uma qualidade básica do texto dissertativo, e um texto claro é aquele que comunica uma ideia com objetividade, possibilitando a compreensão pelo leitor. Esse efeito é causado, em especial, pelas escolhas lexicais que o autor faz. Percebemos, assim, que a avaliação se volta para

o aspecto estilístico das palavras e considera a importância da seleção lexical no sentido. O avaliador é orientado a encontrar palavras que não ajudam na clareza textual e se relacionam a esses recursos.

O segundo critério que identificamos foi o emprego da neologia. Como processo, a neologia pode ser concebida como a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela formação de novos itens lexicais (Alves, 1990). Com relação a esse critério, encontramos a seguinte ocorrência:

Palavras inexistentes na Língua Portuguesa ou que sofreram alguma alteração morfológica indevida para que funcionassem no contexto em que foram inseridas também devem ser consideradas problemas de imprecisão vocabular. [Enem - 02]

Esse direcionamento relaciona-se à criação neológica que não está atestada no uso, negando a interlocução, isto é, interferindo na relação de comunicação entre autor, texto e interlocutor. Nesse contexto, enquanto a orientação sugere uma percepção interacional de neologia, nos exemplos, percebemos que a observação está voltada apenas para os processos morfológicos de neologia.

Para exemplificar essa orientação, cita-se como exemplo a palavra “emboramente”, que é considerada um neologismo, ou seja, a criação de uma nova palavra que surge a partir da união da conjunção “embora” com o sufixo formador de advérbio “-mente”. Assim, o avaliador deve punir casos como esse, já que os neologismos não estariam de acordo com a língua padronizada. Isso revela como a avaliação está fundamentada nas prescrições da gramática normativa, desconsiderando os fenômenos semântico-lexicais na textualidade e os resultados de

pesquisas da linguística contemporânea.

No que diz respeito ao critério da repetição, Antunes considera que, “igual a todos os outros recursos, a repetição pode ser usada de forma mais apropriada ou menos apropriada, de forma mais funcional ou menos funcional” (Antunes, 2012, p. 68). Vejamos como a ocorrência a seguir orienta a avaliação da repetição:

o emprego de palavras repetidas de forma viciosa no mesmo parágrafo (considera-se apenas um erro, na primeira repetição); [UnB - 04]

O avaliador é orientado a identificar palavras repetidas de maneira viciosa no decorrer do texto. A seleção lexical, novamente, é vista como caráter de identificação, registro, sem se levar em conta a funcionalidade das escolhas lexicais. Fica clara nesta orientação a concepção de avaliação tradicional, ao se propor uma contagem de erros quando diz “considera-se apenas um erro, na primeira repetição”.

Muitas vezes, a repetição é avaliada de modo negativo, contudo a orientação em análise adverte o uso repetitivo da mesma palavra no parágrafo, e não no texto completo. A orientação destaca o papel menos funcional da repetição na medida em que tenta sugerir que repetir palavras em um parágrafo torna a leitura cansativa, prolixa e passa a impressão de que o repertório vocabular do participante é limitado.

Dando prosseguimento, encontramos duas ocorrências que tratam de processos morfossintáticos. A primeira é transcrita a seguir.

O uso de diminutivos e aumentativos (ex.: “basiquinho”; “muitão”); [Enem - 03]

O avaliador é orientado a analisar a seleção lexical a partir de um elemento gramatical/morfológico: o sufixo que indica se a palavra está no grau aumentativo ou diminutivo. Aumentativo e diminutivo são variações de grau que os nomes podem apresentar (Cegalla, 2008). Em geral, o grau aumentativo indica um tamanho grande ou aumentado, enquanto o grau diminutivo indica o tamanho pequeno ou diminuído de um ser ou de um objeto. Observamos o grau de uma palavra por meio do processo de derivação sufixal (processo de formação de palavras).

Segundo Basílio (2004), o sufixo diminutivo ou aumentativo também pode ser um meio estilístico que torna a linguagem mais flexível e mais expressiva, refletindo nossos sentimentos e intenções pelas coisas e pelas pessoas. Na linguagem coloquial, em que as manifestações de ternura se caracterizam por sua intensidade, é comum o adjetivo, por afinidade com os substantivos, assumir uma forma diminutiva ou grandiosa, utilizando os sufixos com um valor de superlativo. Em textos mais monitorados como a redação, o avaliador é levado a ver esse recurso como um fator negativo para a avaliação. O trabalho, novamente, resume-se à identificação e não contempla a análise da seleção lexical a partir da observação e reflexão dos usos.

Esse é outro critério que não se relaciona com nenhum dos fatores e critérios estabelecidos na teoria, uma vez que se trabalha unicamente com a identificação de estruturas gramaticais (morfológicas – sufixos, no caso).

O último critério dessa categoria também é relativo à morfossintaxe:

o uso de expressões não dicionarizadas:

- de formas que (Dic. Houaiss: de forma que/a);
- demais disso;
- eis que (para introduzir oração causal);
- face de (Dicionários Aurélio e Houaiss:
- em face de/à face de/face a);
- frente a (Dicionários Aurélio e Houaiss: em frente de,
- no sentido de ‘em face de’);
- inobstante;
- lado outro;
- no que pertine (verbo inexistente);
- no que atine (verbo inexistente);
- vez que (Dicionários Aurélio e Houaiss: uma vez que). [UnB – 05]

Em UnB-05, temos uma orientação que associa seleção de palavras com o uso indevido de conector. As expressões listadas não são neologismos, mas conectores modificados no momento de escrita por alguma confusão fonética ou flexional ou que pertencem apenas ao uso informal. Em consonância com a dita norma-padrão da língua portuguesa, o avaliador considera as expressões “vez que”, “frente a” e “face de”, por exemplo, como impropriedades vocabulares. O participante que comete essa inadequação linguística demonstra que não está atento à escrita correta das palavras dicionarizadas. Novamente, constatamos que o avaliador é orientado a avaliar unicamente a estrutura gramatical do texto.

A partir do que Antunes (2012) distingue entre unidades lexicais e unidades gramaticais, identificamos que os conectivos como “uma vez que” não se configuram como elementos lexicais, mas sim gramaticais, em razão da função que exercem no interior das construções sintáticas e nas relações morfossintáticas. Isso

significa dizer que o avaliador não é orientado a compreender essa distinção elucidada pela autora e, por consequência, dá prosseguimento a análise lexical mais reducionista, atrelada apenas à perspectiva gramatical.

Sendo assim, com base nesse apanhado, verificamos que a maioria dos critérios que dizem respeito aos aspectos linguístico-textuais concentra-se na análise de fenômenos morfológicos. De forma mais específica, o critério do estilo traz uma ideia ultrapassada sobre o uso de figuras de linguagem na redação, o critério da neologia evidencia como a criação de novas palavras prejudica a interlocução, o critério da repetição alude à perspectiva negativa dessa função no texto, e o critério da morfossintaxe restringe-se à estrutura e ao processo de formação das palavras. No geral, a seleção lexical aparece, sob o ponto de vista semântico, apenas nas ocorrências UnB – 03 e Enem – 02, ainda assim de forma bastante limitada.

Dessa forma, esse tipo de abordagem demonstra como o avaliador é levado a assimilar os aspectos linguísticos ao que é prescrito pela gramática. Ademais, pensando nos reflexos dessa percepção nas práticas escolares, notamos que essas orientações destinadas à banca avaliadora dos vestibulares não auxiliam no avanço do ensino do léxico, especificamente, da seleção lexical, na medida em que o trabalho analítico da escolha vocabular se assemelha apenas ao paradigma tradicional/normativo da língua, ao tratar os itens lexicais enquanto forma, sem considerá-los enquanto elementos necessários à construção da textualidade.

Análise dos aspectos gráficos referentes à avaliação da seleção lexical

Contemplamos como aspectos gráficos as orientações que compreendem o item lexical apenas como forma gráfica, sonora na materialidade textual. Ao fazermos uso desta ou daquela palavra no texto, estabelecemos relações entre todos os níveis de composição da língua. Desse modo, é possível destacar como a ortografia e a semântica, por exemplo, desempenham um fator preponderante nas escolhas lexicais que realizamos, pois conhecer o sentido de uma palavra pode requerer a noção da grafia dela.

De acordo com Castilho (2019), a grafia é uma representação escrita abstratizada de uma língua e reflete os seus diversos contextos de uso. A decisão sobre a ortografia de uma palavra pauta-se por diferentes orientações, algumas de base linguística, outras de base histórico-social.

Os padrões da escrita resultam de um conjunto de convenções que estabelecem as regras para a grafia correta das palavras, conforme nos reafirma Antunes: “a escrita, enquanto sistema de codificação, é regida por convenções ortográficas, oficialmente impostas” (Antunes, 2003, p. 60). Assim, a escrita é um processo de codificação que envolve o conhecimento sistematizado das convenções da modalidade formal ou informal da língua em práticas cotidianas e conforme o contexto situacional.

As orientações, como já vimos, seguem essas prescrições da modalidade formal escrita da língua e apresentam cinco

ocorrências sobre o critério da grafia. A primeira ocorrência diz o seguinte:

Devemos nos atentar, sim, ao fato de que usos imprecisos, gerados pela confusão entre uma palavra e outra, devem ser considerados problemas de imprecisão vocabular. [Enem - 04]

Em Enem-04, temos uma orientação com foco no léxico, no sentido dos itens lexicais no texto. Primeiramente, é mostrado um recorte da redação de um participante em que ele confundiu o uso das palavras “logaritmo” com “algoritmo”. Essa constatação se deu a partir do contexto e da temática. A confusão de uma palavra por outra afetou a construção de sentido, gerando incoerência naquilo que estava sendo transmitido. Então, essa orientação, mesmo que leve em consideração a grafia das palavras, sinaliza também como a troca de uma palavra por outra muda o sentido do texto, tornando-o impreciso.

Exemplificando esse dizer, são citadas algumas palavras com radicais e sonoridades parecidos, mas com sentidos diferentes, que podem ser encontradas nas redações dos participantes a depender da temática solicitada, como afinidade x finalidade, descriminalizar x discriminar etc. Como pode ser observado, esse critério relaciona-se com o critério da precisão vocabular, pois considera a função que a seleção lexical tem na textualidade. Apesar de ter relação com o uso da palavra, incluímos esse critério na categoria dos aspectos gráficos porque essa orientação também se resume à identificação gráfica. Assim dizendo, no exemplo, para analisar a troca de “finalidade” por “afinidade”, é como se “afinidade” ser usada no lugar de “finalidade” fosse uma questão mais ortográfica que semântica,

propriamente, já que os contextos não são analisados.

A segunda ocorrência evidencia o uso de palavras homófonas:

o emprego inadequado de uma expressão por outra:

- a cerca de/acerca de/há cerca de;
- a fim de/afim;
- à medida que/na medida em que;
- ao encontro de/de encontro a;
- ao invés de ('ao contrário de')/em vez de ('substituição');
- a princípio/em princípio/por princípio
- onde/aonde/donde;
- tampouco/tão pouco;
- sob/sobre. [UnB - 06]

As palavras homófonas da Língua Portuguesa apresentam pronúncia idêntica, mas grafias e significados diferentes (Silva; Rocha, 2020). Essa orientação não traz a análise de seleção lexical em si, mas sim de um aspecto ortográfico das palavras. O avaliador precisa identificar, no texto do vestibulando, se ele “escolheu” a grafia correta da palavra que utilizou no texto.

Essa orientação trabalha com a noção de precisão conceitual e sonoridade das palavras, isto é, fica subentendida a consideração desses critérios ao listar essas palavras e analisarmos o que leva o participante a empregar uma palavra por outra e, possivelmente, ser penalizado por essa confusão. Porém, a orientação limita-se à lista das palavras homófonas sem mostrar ao avaliador o que o engano pode causar no sentido do texto. Dessa maneira, podemos pressupor que uma possível justificativa para a desconsideração do processo textual-interativo no uso de palavras homófonas se dê pelo caráter direcional das orientações, ou seja, pela necessidade de apontar objetivamente o que os avaliadores devem encontrar

como erro nas redações.

A terceira ocorrência aborda a paronímia:

o emprego indevido de parônimos:

- O presidente avocou (evocou) a si a decisão sobre o projeto.
- O servidor autuou (atuou) o processo.
- Enquanto esperavam, ele deferiu (diferiu) o pedido com muita rapidez.
- Depois dos cumprimentos (comprimentos), ele iniciou a palestra. [UnB - 07]

A paronímia é a relação da semelhança entre som e grafia existente entre as palavras, porém com divergência no que se refere ao significado. Os exemplos apresentados na orientação mostram que a troca de uma palavra por outra altera o sentido da frase. Relacionando com a ocorrência UnB - 06, o avaliador, nessa orientação, tem uma base sobre como se configura a troca ou confusão de uma palavra por outra, mas ainda assim não se leva em conta a textualidade, e, sim, novamente, o aspecto gráfico.

Os critérios e fatores que abarcam a dimensão da seleção lexical até então permanecem distantes dos que são contemplados nas orientações, fazendo com que os avaliadores tenham uma ideia estrutural e limitada sobre esse mecanismo textual.

A quarta ocorrência se baseia na identificação de expressões usadas na linguagem da *internet*:

- formas usadas na Internet, como “blz”, “vc”, “eh” [Enem - 05]

Essa orientação aborda a linguagem informal das palavras, mais precisamente o uso do chamado “internetês”. O avaliador é levado a verificar se o texto traz essas formas e punir os

ocorridos. Contudo, fica por interpretação dele compreender o que essas formas afetam o texto, pois não é dito que essas formas dificultam a compreensibilidade do que está escrito. É apenas o critério ortográfico que baliza a avaliação da adequação vocabular, mais uma vez. Por ser um critério puramente gráfico, não conseguimos perceber como a seleção lexical pode ser avaliada sob esse aspecto, pensando-se em elementos da textualidade e da interação.

A última ocorrência é reproduzida a seguir:

- Reduções (como “pra”, “pro”) e abreviaturas, como “p/” (no lugar de “para”) ou “c/” (no lugar de “com”). [Enem - 06]

Da mesma maneira que na ocorrência anterior, Enem-06 foca no reconhecimento gráfico. Essas exemplificações de reduções e de abreviaturas estão ligadas ao coloquialismo, ou seja, a um uso da escrita com um menor grau de monitoramento (Bagno, 2013), pois são simplificações de palavras que levam em conta a pronúncia e a eliminação de letras e acentos na escrita. A grafia da língua portuguesa pode dar pistas de como as pessoas falam, principalmente, quando o usuário da língua está acostumado a produzir textos em contextos menos monitorados. Logo, em textos mais formais, espera-se a escrita adequada e completa da palavra. Essa verificação, no entanto, não se refere à adequação do uso das palavras nas redações: a análise da seleção lexical restringe-se ao aspecto gráfico e identificatório, sem articulação com os critérios textuais que apresentamos aqui.

Fica evidente, portanto, como a seleção lexical é vista na avaliação de ambos os vestibulares: a busca pelo erro das impropriedades vocabulares na dimensão gramatical e gráfica. O avaliador não é orientado a analisar a seleção lexical no texto,

isto é, a avaliação não é voltada para a textualidade, para o sentido, mas, sim, apenas para a forma, a grafia das palavras, e pela perspectiva do erro. É perceptível que todas as orientações aqui analisadas são voltadas para o aspecto normativo, apenas um dos que devem ser avaliados no texto dos participantes. As orientações analíticas acabam indo de encontro ao que se percebe da natureza do componente lexical da língua, na medida em que deixam a desejar na abordagem de estudo que determinadas escolhas de palavras causam no texto e privilegiam a avaliação dos processos morfossintáticos e gráficos das palavras.

Considerações finais

Este trabalho apresentou como a seleção lexical é abordada nos materiais destinados aos avaliadores para analisar as redações de vestibulandos e, por conseguinte, atribuir uma nota. À medida que descrevemos as orientações para o avaliador presentes no módulo e guia dos vestibulares do Enem e UnB, buscamos relacioná-las com os fatores e critérios que explicamos na teoria, refletindo, assim, sobre como o aspecto lexical é considerado na textualidade.

Ao realizarmos nossa análise, observamos, primeiramente, quais as categorias a que pertenciam os critérios referentes à análise da seleção lexical. Com isso, verificamos qual era o direcionamento que as orientações apontavam sobre a avaliação desses critérios no texto.

Na categoria que diz respeito aos aspectos linguístico-textuais, verificamos que os critérios se referem aos processos estilístico, neológico, morfossintático e de repetição de palavras no texto, focalizando uma análise de fenômenos morfológicos.

Já na categoria dos aspectos gráficos, a seleção lexical é estritamente observada pelo critério da (orto)grafia, buscando os erros estruturais das formas escritas das palavras.

Desse modo, os resultados nos mostraram que os materiais aludem à seleção lexical, mas não trazem orientações para que o avaliador realize uma análise lexical consistente sobre a escolha vocabular realizada pelo participante, adotando unicamente uma perspectiva estrutural e/ou normativa. O módulo e o guia estudados também não permitem que o avaliador direcione o olhar para possíveis transgressões gramaticais e ortográficas que afetam a compreensão do todo textual, isto é, como alguma alteração nas estruturas linguísticas interfere na produção de sentidos do texto e como o funcionamento dessas estruturas desencadeia problemas no processo de interlocução.

Vale salientar que há muito ainda a ser feito no que diz respeito às práticas avaliativas da seleção lexical na redação dos exames vestibulares. Destacamos a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto, com materiais formativos de outros vestibulares que, porventura, se encontrem disponibilizados. Outro viés seria averiguar o tratamento dado a outros critérios que, além da propriedade e/ou escolha vocabular, pertencem ao âmbito lexical.

Referências

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIDERMAN, M. T. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: (teoria lexical e linguística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEZERRA, M. A. R.; NEVES, H. Análise de critérios contextuais para avaliação da seleção lexical em exames vestibulares. In: BARRETO FILHO, R. R.; NEVES, H. (orgs.). *Análise da interação verbal: festschrift para Kazue Saito Monteiro de Barros*. Campinas, SP: Pontes, 2022, p. 115-128.
- CARDOSO, E. de A. O léxico na sala de aula: da teoria à prática pedagógica. In: VALENTE, A. C. (org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 118-124.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*.

48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISA EM AVALIAÇÃO E SELEÇÃO E DE PROMOÇÃO DE EVENTOS (CEBRASPE). *Guia dos Avaliadores da UnB: critérios de avaliação das redações e das questões do tipo D*. Brasília, DF: Universidade Federal de Brasília, 2012. Disponível em: http://www.cespe.unb.br/vestibular/2VEST2012/arquivos/CRIT_RIOS_DE_CORRE_O_DAS_REDA_ES_E_DAS_QUEST_ES_TIPO_D.PDF Acesso em: 10 jun. 2023.

FOSSEY, M. F. Avaliação de redações de vestibular: da teoria à prática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 57, n. 2, p. 1015–1042, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8652181>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GOLDSTEIN, N. S.; BARTHO, V. D. DE O. R. Prática de correção textual e formação de escreventes: viés dialógico. *Scripta*, v. 23, n. 48, p. 137-147, 11 set. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/19682/15886>. Acesso em: 17 jul. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Manual de correção da redação: Competência 1*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_1.pdf Acesso em: 10 jun. 2023.

MASCARENHAS, S. *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *O aspecto lexical no processo de textualização*. Recife, 2003, 33 p. Projeto de Pesquisa não publicado.

MENDONÇA, M; NEVES, C. A. de B. *A redação no Vestibular Unicamp: O que e como se avalia*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2019.

- NEVES, H. Notas sobre o funcionamento textual-interativo do léxico. In: BARRETO FILHO, R. R.; NEVES, H. (org.). *Análise da interação verbal* - festschrift para Kazue Saito Monteiro de Barros. Campinas: Pontes, 2022. p. 47-62.
- NEVES; H. Relações entre léxico, língua e ensino. In: NEVES, H.; LIMA, A. (org.). *A vida no texto: homenagem a Irandé Antunes*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 137-146.
- PAIVA, V. L. M. de O. e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- POSSENTI, S. Enunciação, autoria e estilo. *Revista da Faebra*. Salvador, v. 10, n.15, p.15-21, jan./jun., 2001. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/faebra/issue/view/242/141>>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- SACRISTÁN, J. G. Avaliação no ensino. In: SACRISTÁN, J. G; GOMEZ, A. I. P. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. São Paulo: Globo, 1998.
- SILVA, A. D. da; ROCHA, W. M. da. Estudo da conjunção em um livro didático do 5º ano do Ensino Fundamental. *Revista Humanidades e Inovação*, v.7, n.1, p. 196-203, 2020.
- SUASSUNA, L. Paradigmas de avaliação: uma visão panorâmica. In: MARCUSHI, B; SUASSUNA, L. (org.). *Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- TRAVAGLIA, L. C. *Estudo de vocabulário*. São Paulo: Cortez, 2021.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Plêiade, 1996.